

Igreja do Santo Sepulchro, em Jeruslém

A igreja do Santo Sepulchro, compõe-se de tres igrejas: a do Santo Sepulchro, a do Calvario e a da Invenção da Santa Cruz.

A igreja, propriamente denominada do Santo Sepulchro é edificada no monte Calvario, sobre o terreno onde Jesus Christo foi sepultado. Esta igreja formá uma cruz, e a mesma capella do Santo Sepulchro não é senão a grande nave do edificio: é de forma circular como o Panthéon em Roma, e só recebe luz do zimbório, por baixo do qual está o Santo Sepulchro. A architectura da igreja é evidentemente do seculo de Constantino: a ordem corinthica domina em todos os seus detalhes.

A origem da igreja do Santo Sepulchro é antiquissima. O auctor do *Epitome* das guerras sagradas pretende que, quarenta e seis annos depois da destruição de Jerusalem por Vespasiano e Titus, os christãos obtiveram d'Adriano a permissão de edificar, ou antes de reedificar um templo sobre o tumulo do seu Deus, e de encerrar na nova cidade os outros logares reverenciados dos christãos, e accrescenta que este templo foi engrandecido e reparado por Helena, mãe de Constantino. Mais tarde foi destruida por Corroës II, rei da Persia. Heraclius reconquistou a verdadeira cruz, e Modesto, bispo de Jerusalem, restaurou a egreja do Santo Sepulchro. Algum tempo depois o califa Omar tomou Jerusalem, mas deixou aos christãos o livre exercicio do seu culto. No anno de 1009, Hequem ou Hakem, que reinava no Egypto, a sollicitação do imperador Argiropile, permittio aos fieis de encerrar os santos logares n'um novo monumento. Mas como no reinado de Hakem, os christãos de Jerusalem não eram nem muito ricos, nem muito habéis para levantar o edificio que hoje cobre o Calvario, e como coisa alguma indique que os cruzados fizessem construir em Jerusalem uma igreja do Santo Sepulchro, é provavel que a

igreja fundada por Constantino subsistisse sempre tal como se acha, ao menos pelo que respeita ás paredes exteriores. E o que pôde avançar-se, examinando attentamente a sua architectura.

ALGUMAS CURIOSIDADES HISTORICAS E OUTRAS ACERCA DO COMMERCIO

XII

Il est difficile qu'un pays n'ait des choses superflues, mais c'est la nature du commerce de rendre les choses superflues utiles, et les utiles nécessaires.

Montesquieu, De l'espr. des lois, XX 2.

Cette diversité des productions et des facultés productives est le lien qui unit les uns aux autres les habitants d'une même localité, la ville et la campagne, les provinces d'un même Etat, les différents peuples et jusqu'aux points du monde les plus éloignés.

M. Henri Richelot, Dict. Gén. de la Pol. éb. — Commerce.

Duas objecções se apresentavam na Inglaterra contra o *free trade*, commercio livre, livre troca: 1.ª a ruina da agricultura nacional, que se agou-rava ser consequencia infallivel da grande revolução económica; — 2.ª a diminuição da receita nos cofres do thesouro publico.

Pois bem! nem a agricultura padecceu com a liberdade do commercio, nem se realisou a prophetizada diminuição de receita.

As receitas cresceram progressivamente: e os lavradores, em vez de requererem o restabelecimento das *corn laws*, confessam que muito sentiriam ver adoptada uma tal providencia.

É bem certo que ainda grandes talentos, e entre estes M. Thiers, se recusam a considerar a liberdade do commercio, como sendo uma das *liberdades necessárias*; no entanto, são já mui

raros os defensores do systema proteccionista, e esses mesmos, fazendo uso de grupos de algarismos engenhosamente dispostos, apenas convencem as pessoas interessadas na protecção, quer dizer, alguns industriaes.

Aos olhos d'estes ultimos a protecção concedida ás industrias pelos direitos das pautas representa o trabalho nacional, e é como que a causa da vida dos operarios, e a força verdadeira do paiz. Mas a verdade dos factos, mais eloquente do que todos quantos argumentos possam ser adduzidos, demonstra que essa protecção importa um tributo pesado sobre os consumidores na sua immensa totalidade, ao passo que pela maior parte ha sido um estímulo próprio para dar vida folgada á inercia das industrias.

Não ha ainda muito tempo que um acreditado escriptor francez, M. Ch. de Mazade, citava a conceituosa resposta, que o immortal conde de Cavour deu aos conservadores da antiga usança na Italia: — «Eu, por minha parte, digo que o aliado mais poderoso do socialismo, na ordem intellectual, é a doutrina proteccionista. Dimana ella do mesmo principio, pois que, reduzida á sua expressão mais simples, affirma e estabelece o direito e o dever que ao governo cabe de intervir na distribuição e no emprego de capitales; affirma que a missão, a funcção do governo é substituir a sua vontade, que tem na conta de mais illustrada, á vontade livre dos individuos. Se affirmações taes viessem a passar ao estado de verdades correntes, não vejo o que poderia responder-se ás classes trabalhadoras, e áquelles que se constituíram seus advogados, quando viessem dizer ao governo: Julgues ser do vosso dever intervir na distribuição do capital, e dar regulamento á sua accção; pois então, porque não intervindes tambem no outro elemento da produção, o salario? Porque rasão não regulaes os salarios? porque não organisaes o trabalho? E na verdade, admittido que seja o *protecționismo*, admittidas devem ser a maior parte das idéas socialistas, e quem sabe se todas...» —

Para logo ao primeiro intuito se apreciar a rasão de ser da liberdade de commercio, basta considerar a reciproca dependencia em que as nações estão, umas das outras. Estas abundam em certos productos naturaes, aquellas em outros. Umas, distinguem-se pelo desenvolvimento largo e fecundo da agricultura; outras avantajam-se na industria. Cada uma tem a sua especialidade de riqueza; cada uma explóra, mais ou menos habilmente, os elementos primitivos da sua capacidade productora. N'este pressuposto, que é o da realidade, as diversas nações, melhor diriamos, os diversos povos, são membros de uma só familia, são irmãos que na casa paterna põem em commum o seu trabalho, a sua aptidão, a sua capacidade, privativas sim de cada um, mas conspirando todas — livremente exercitadas — para o bem da comunidade.

— Não chegou ainda a luz a todos os espiritos, no que diz respeito ao chamado — balanço do commercio.

Não será, pois, de mais offerecer aqui aos leitores a analyse a que desceu o economista philosopho, Destutt de Tracy, do qual tivemos já occasião de citar doutrinas.

O ouro e a prata não são a unica, nem a principal parte da nossa riqueza. Supponhâmos que

eu exporto 100\$000 réis em dinheiro e recebo 120\$000 réis em mercadorias; claro é que lucro 20\$000 réis: logo, uma nação pôde colher muito proveito de outra, ainda quando lhe manda maior porção de dinheiro, do que recebe.

Demais; não é possível formar juizo seguro, encarando um só ramo de commercio externo. É possível que uma nação perca no commercio com outra, mas que se indemnisse pelo commercio com uma terceira; o que de feito succederá, se o que ella comprou aqui muito caro, o fôr vender além mais caro ainda.

— Mas, para se apreciar isto mesmo, é necessario adquirir conhecimento real das cousas; o que é impossivel, por quanto, por mais rigoroso que supponhâmos o regimen fiscal, nunca poderá saber-se exactamente a *quantidade*, nem a *qualidade* das mercadorias que entraram em uma nação, ou saíram d'ella. Lá está o contrabando para impedir esse conhecimento, e maiormente a respeito da *qualidade* das mercadorias.

Supponhâmos, porém, que era possível obter o conhecimento exacto da quantidade e da qualidade, e, por consequencia, do valor das mercadorias importadas e exportadas; faltaria ainda deduzir as despesas que os negociantes fizeram para realisar as transacções. ¿Quaes despesas? as que elles fizeram com os commissarios, agentes, navios, apparelhos, tripulações, carreiros, etc. até que as mercadorias cheguem ao seu destino. São estas as despesas que devem ser deduzidas do valor das riquezas importadas; mas essas despesas ninguem as pôde avaliar, ninguem pôde tomar nota exacta d'ellas, e muito menos dizer se devem ser attribuidas ao commercio externo, se ao commercio interno, e se ellas deram ganho ao estrangeiro, ou ao compatriota.

Ainda mais; o valor real das mercadorias só pôde ser bem fixado em dois logares e não em um só, — quer dizer, que não o hade ser sómente na alfandega onde entram, nem sómente no local onde foram compradas. ¿Porquê? Porque muitas fazendas estavam ou viéram a estar avariadas, antes ou depois do momento de entrarem na alfandega; outras, lucraram muito em passar ao seu destino, ou unicamente pelo effeito do tempo que as bemfeitoriza.

Supponhâmos, porém, que se sabe, de sciencia certa, que n'uma série de annos entrou n'um paiz uma somma maior de valor do que a que sahio. Em primeiro logar, a differença não poderia ser consideravel, porque não pôde consistir senão no lucro definitivo de todos os negociantes que n'esse paiz se emprégam no commercio externo, — o que é de pequeno tomo em comparação da massa total; e sómente seria importante, se uma consideravel porção da população, em estados pequenos, subsistisse do commercio de transporte por mar. Em segundo logar, d'aquelle conhecimento não se pôde inferir cousa alguma para o acrescentamento ou diminuição da riqueza nacional; porque, se a nação que se suppõe ter importado mais do que exportado, tem durante esse tempo consumido tudo o que importou, empobreceu-se de tudo o que exportou, e de que nada lhe resta, com quanto ganhasse nas trocas; se, pelo contrario, armazenou muito, ou, o que vem a ser o mesmo, fez grandes obras uteis e duradouras, é pos-

sível que augmentasse o seu fundo, é possível que se enriquecesse, embora ao mesmo tempo perdêsse alguma coisa no paiz estranho.

Conclua-se, por tanto, com Smith que não ha verdadeiro balanço senão entre a producção e o consumo de todo o genero. É esta a verdadeira medida do empobrecimento ou do melhoramento. Foi ella, quem, por meio de progressos lentos, por vezes contrariados, trouxe gradualmente as populações humanas da sua primitiva miséria a um estado mais feliz. É ella, quem, graças á actividade, á intelligencia dos homens e á energia das suas faculdades, seria sempre e em toda a parte favoravel á humanidade, se os que governam as sociedades a não transviassem e affligissem de continuo.

Nem por isso, porém, deixa de ser interessante o conhecer as importações e exportações de um paiz; antes muito vantajoso é esse expediente. Se augmentam gradual e constantemente em um paiz, n'uma série de annos, signal é, — ou que o número de habitantes cresceu, ou que cada um d'elles tem maior riqueza ou melhorou de condição (a não existir uma desigualdade muito pronunciada), ou que estas duas marchas progressivas existem, pois que são por sua natureza simultaneas. Em caso contrario, contrários serão por certo os resultados.

— Fielmente fica reproduzido o que escreveu Destutt de Tracy no cap. XVIII do seu *Commentario ao Espirito das Leis de Montesquieu*, a proposito do que este último diz das leis na sua relação com o commercio — considerado na sua natureza e distincções, e nas revoluções por que tem passado no mundo.

— A melhor definição do *balanço do commercio* é a que deu Necker no seu livro — *De l'administration des finances de la France* — : «O mappa do balanço do commercio é a representação das permutações de uma nação com as outras. Este balanço parece *favoravel* quando a somma das exportações de uma nação é mais consideravel do que a das suas importações; annuncia-lhe porém uma *perda* quando, pelo contrario, comprou mais do que vendeu.»

Este enunciado encerra a theoria do systema mercantil, que está hoje fóra do combate, e considerada como absurda aos olhos dos economistas de grande nomeada.

Entre todas as demonstrações, tendentes a fazer sentir as illusões que os mappas das importações e exportações podem occasionar, nenhuma foi tão imaginosa e ao mesmo tempo concludente, como a que apresentou Bastiat nas seguintes supposições :

Supponhâmos que um negociante manda do Havre para os Estados Unidos um navio, com uma carga de 200:000 francos de mercadorias, e a troca por algodão, o qual, em chegando a França, tem o valor de 350,000 francos. Este negociante lucrôu 40:000 francos na venda da sua carga na America, e 70:000 na venda do algodão em França. — No entanto os algarismos da alfandega dizem que a França *exportou* 200:000 francos, e *importou* 350:000, e d'esse facto deduzem os sectarios do balanço do commercio, que a França empobrece e caminha para a sua ruina, pois que deu a estrangeiros 150.000 francos do seu capital.

Tempos depois, aquelle mesmo negociante

mandou para os Estados Unidos um navio com a carga de productos nacionaes, no valor de 200:000 francos; mas o navio afunda-se, e o negociante perde completamente a carga. Ora, como a alfandega tinha registado na columna das *exportações* a somma de 200:000 francos, e aliás não podia fazer figurar uma somma correspondente na columna das *importações*: fóra racional que os partidarios do balanço do commercio vissem no naufragio um lucro evidente e positivo de 200:000 francos....

Confessêmos que a ironia n'este caso é eloquentissima. Graças a Deos estamos longe da época em que o Director Geral das Alfandegas francezas, dizia que a doutrina do governo era — *comprar aos outros o menos possivel, e vender-lhes o mais que fosse possivel* (1).

— Ha sobre este assumpto excellentes e luminosos artigos em diferentes obras. Limitar-me-hei a inculcar aos leitores que ainda, como eu, precisam de estudar (e só para esses traçamos estas rápidas noticias) os seguintes subsidios: — *Bastiat — Sophismes économiques*; — *Dictionnaire de l'économie politique*, vb. *Balance du Commerce*; — *Dictionnaire Universel théorique et pratique du Commerce et de la navigation*, *idem*; — *Dictionnaire général de la Politique par M. Maurice Blok*; etc. etc.

JOSE SILVESTRE BUEIRO.

O D. JUAN DE J. ZORRILLA

(Continuado de pag. 359)

Podem os inimigos do throno de S. Fernando expungir a Hespanha da carta geographica, o que não poderão apagar nunca da historia é o esplendoroso brilho de sua litteratura, que anda e andarã eterna em seus monumentos nacionaes e como um espelho se reflecte na França, na Inglaterra, na Allemanha, na Italia, e em Portugal. Os muitos serviços, que a Hespanha prestou as litteraturas europeas na epocha em que todo o norte da Europa andava involto nas trevas da barbaria, não são para dizer-se em tão pequeno papel e em tão curto espaço de tempo, como este de que dispomos. Por nós, e mais alto do que nós o podemos fazer, vão já por esses mundos pregoando as glorias hespanicas a *Bibliotheca Rivadeneyra* e a *Historia critica* de Amador de los Rios. Sem fallarmos hoje de suas glorias militares, que são tantas que nem se lhes sabe o numero; de seus oradores, como D. Emilio Castelar; de seus criticos, como Amador; de seus poetas, como Espronceda; de seus dramaturgos, como Hartzenbusch; de seus romancistas, como Fernand Caballero; de suas mulheres sabias, como Carolina Coronado; de seus historiadores, como Pedro de Madrazo; de..., para que citar mais? occupar me-hei de D. José Zorrilla, porque me parece um homem providencial n'este seculo. Em uma carta de D. Emilio Castelar dirigida ao bispo de Tarazona e publicada no tomo 4.º da sua obra *A civilização nos cinco primeiros seculos do christianismo*, demonstra o celebre democrata — que é já um vulto na sua terra e dentro em pouco o será em todo o mundo — que ao finalizar d'uma formula social, a Providencia envia sem-

(1) M. de Saint-Cricq respondendo a M. Basterrèche em 1822 na camara dos deputados. *Hist. du gou. parlem. en France par M. Duvergier de Hauranne*, tomo 7.º pag. 24.

pre um genio, como Voltaire, Aristophanes, Luciano, Boccaccio e Cervantes para assistir aos responderios d'uma sociedade velha com o fremito formidavel de sua gargalhada. Todavia não é menos verdade que esta gargalhada providencial vem sempre acompanhada pelas lagrimas de alguns sacerdotes da historia, que em volta da campaa nacional vão proclamar bem alto algum merecido elogio do povo que ali se linou. Na penumbra da cidade gentílica levantou-se o eloquente Plotino, roubando ao esquecimento as virtudes do paganismo. Os poetas da Grecia refugiados em Roma deixaram á posteridade os cantos da grandesa hellenica. Nos esteriores da republica romana Virgilio immortalisa os feitos d'um povo que em breve deixaria de ser rei, e, para não ir mais longe, Luiz de Camões prevendo a ruina da patria, morre com ella, mas salva-a para a posteridade. Na Hespanha J. Zorrilla poeta inferior a outros seus conterraneos, é superior a elles pelo seu caracter nacional. Trueba, poeta tão popular em Hespanha, como Beranger em Franca, e em Portugal Gil Vicente, não pôde comparar-se a J. Zorrilla no attinente a sentimentos de nacionalidade, sentimentos que soabe traduzir dignamente em seu livro de lendas e tradições historicas que publicou sob o titulo de *Cantos del Trovador*. D. José Zorrilla veio á la hora precisa como diz um seu biographo. Prevendo com aquelle espirito vidente que Deus concede aos grandes poetas, que as dissensões da Hespanha, a corrupção moral de seus filhos e a inquietude de seus reis havia de aluir as bases do throno e matar a vitalidade nacional daquelle reino, foi-se a collegir de toda a longa historia daquelle povo o que por lá havia de grande, verdadeiro, justo e bello, e disse ao fim de sua cansada peregrinação. — A Hespanha briosa, cavalleiresca bella e justa não morrerá na posteridade. — J. Zorrilla é como o avarento que ao presentir o incendio em sua casa, accorre apressado ao cofre, salva o que lá tem de mais valia e foge. É este todo o merecimento dos *Cantos del Trovador* obra que a considerar-se sob o aspecto artistico é muito inferior ao theatro e outras composições poeticas de Zorrilla.

(Continua.)

A. S. M. S. P. V. S.

O HISTORIADOR NÃO DEVE SER IMPASSIVEL.

Quero no historiador, diz um dos mais insi-gnes criticos francezes, o eloquente sr. Villemain, — quero no historiador o amor da humanidade, ou da liberdade. A sua justiça imparcial não deve ser impassivel. Cumpre, pelo contrario, que o historiador tenha um interesse, uma paixão: cumpre que deseje, que tenha esperanca, que ame, que tenha magoa ou alegria no que refere. Olhae para o Tacito! é o maior dos historiadores; ¿é porquê? porque, sendo entre elles o mais inteiro, é comtudo, onso dizel-o, o mais apaixonado. Tacito deslinda, discrimina, sentença como um juiz, e depõe como uma testemunha ainda commovida, ainda repassada de indignação pelos factos que presenciou... É necessidade impreferivel ter fé no historiador; mas, ¿como podereis crer n'um homem, que não cre em cousa alguma? (1)

(1) *Cours de Littérature Française*. Lição de 29 de abril de 1828.

— E assim é. O historiador deve ser escripto-losamente veridico, nobremente verdadeiro em tudo o que narra: justo e imparcial; superior a todas as influencias do espirito de partido, so-branceiro a todo o genero de prevenções.

Mas estará muito longe de merecer a qualifi-cação de bom historiador aquelle que não se indigna contra os malvados, ou não se entristece com os infortunios e desditas da humanidade! A indiferença, a frieza, a impassibilidade são intoleraveis, são mais que repugnantes na pessoa do escriptor que tomou á sua conta perpetuar a memoria dos acontecimentos — em que o homem foi actor.

Imaginæ um historiador que nos falle fria-mente das Vesperas Sicilianas; da horrivel e execranda carnificina do dia de S. Bartholomeu na Franca; da intolerancia implacavel da Inqui-sição; das atrocidades sanguinarias da abomina-vel época do terror da Revolução Franceza!...

Imaginæ um historiador sem coração e sem alma, que se limite a referir os factos, e que, na sua gelada narração, não sente entusiasmo quando conta uma façanha heroica, — ou se não lastima quando descreve o padecimento de algum martyr, — ou não advoga caloroso a causa de innocentes victimas, — ou não esmaga com ve-herentes invectivas a prepotencia do despotis-mo, — ou não se encolerisa contra a hypocrisia, contra a fração, contra a fereza de algum tigre com face de homem!...

Imaginæ tudo isso, e dizei se não arrojareis indignados o livro, que se vos deparar maculado com algum dos senões que deixamos apontados?

— Tomaremos nota dos historiadores que dão inequívocas provas de fina sensibilidade, — bem como de outros que se nos apresentam frios e impassiveis em algumas das suas narrações.

Será esse o assumpto de que opportunamente nos occuparemos.

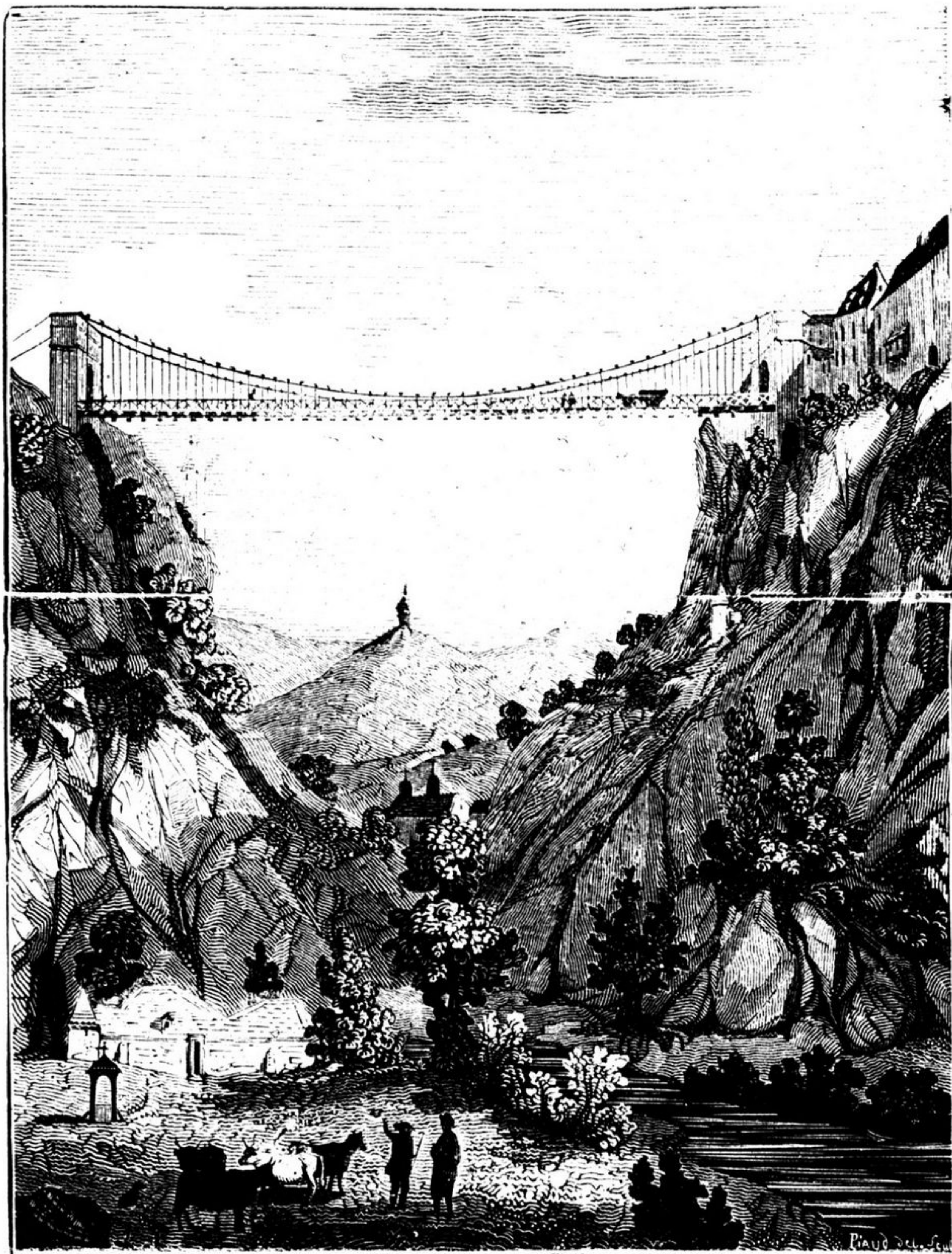
JOSÉ SALVESTRE BILHARO.

A PONTE DE FRIBOURG

Entre as maravilhosas construcções da nossa época, é preciso por em primeiro lugar a ponte de Fribourg. Como se sabe, a cidade é edificada sobre a parte direita do rio Sarine. Este peque-no rio tem as suas duas margens muito escar-padas: a sua altura, acima do leito do mar, é de perto de duzentos pés. Os transeantes que tinham de ir de Berne a Fribourg tinham de descer uma collina de duzentos pés de altura para chegar a uma pequena ponte de madeira lançada sobre o rio, e a subir immediatamente depois um outro declive da mesma altura para chegar ao centro da cidade. Para atravessar o Fribourg, de trem, gastava-se pouco mais ou menos uma hora.

Estas difficuldades e demoras pareciam conse-quencia irremediavel das localidades; mas espiritos ousados imaginaram que seria possivel cons-truir uma ponte suspensa que unisse os cumes

O sr. Villemain foi muito applaudido pelos ouvintes, quando proferio estas palavras, que eu traduzi imperfeitamente: *Voyez Tacite, il est le plus grand des historiens, parceque, en étant le plus intègre, il est, j'ose le dire, le plus passioné; parce qu'il discerne comme un juge, et dépose comme un témoin encore tout ému et tout en colère de ce qu'il a vu.* (Applau-dissemens.)



A ponte de Fribourg

das duas rochas entre as quaes corre a Sarine. A ponte devia passar sobre uma boa parte da cidade. Este projecto foi tido por grande utopia; entretanto, cidadãos zelosos as authoridades julgaram dever submettel-o á apreciação dos engenheiros de todos os paizes. Foram apresentados diversos planos, e o governo da Cantão deu preferencia ao de Mr. Chally, de Lyon, o qual começou a execução da ponte na pri-

mavera de 1832; e, apesar de não ter para o ajudar e secundar mais que um contra-mestre habituado a estes trabalhos, e de se servir de operarios inexperientes do paiz, no dia 15 d'agosto de 1834, passaram sobre a ponte quinze peças de artilharia tiradas por quarenta cavallos, cercados de mais de trezentas pessoas, não deixando este exame nada a desejar, e alguns dias depois uma procissão

composta de toda a população de Fribourg, e arredores, confirmou a solidez d'esta importante obra, que tanta honra deu ao engenheiro que a planejou e dirigio.

A despeza total foi pouco mais ou menos de 600 mil francos.

O PRINCIPE EUGENIO DE BEAUHARNAIS

e as memorias que lhe são relativas.

... *ab auditione mala non timebit.*

Ps. CXI 7.

XIII

Por um decreto de 7 de junho de 1805 foi o principe Eugénio nomeado *Vice-Rei da Italia*, e admittido a prestar juramento de fidelidade. No dia 10 deixou o Imperador Napoleão a cidade de Milão, para voltar á França, visitando successivamente diversas cidades de Italia.

O principe Eugénio tinha apenas vinte e quatro annos quando foi collocado á frente do reino da Italia.

Napoleão não cessou, nos primeiros mezes, de encaminhar com a maior sollicitude os passos de Eugénio na carreira governativa, como se deixa ver da longa e muito interessante correspondencia d'aquelle periodo. É, porém, certo que nenhum homem, na idade de vinte e quatro annos, seria capaz de mostrar-se tão modesto, tão prudente, e tão desejoso de tornar-se merecedor da sua alta missão, como Eugénio. Se por vezes vemos uma palavra severa nas respostas de Napoleão, ou alguns termos e modos menos suaves nas ordens, advertencias e recommendações transmittidas ao Vice-Rei; tambem de vez em quando apparece a compensação consoladora de uma explicação amigavel.

«Desde o dia immediato ao da partida do seu soberano, diz o distincto annotador das *Memorias*, dedicou-se Eugénio ao trabalho com um ardor infatigavel, rodeando-se de pessoas illustradas, — accettando os elogios do grande homem, sem se tornar vaidoso, — applicando-se a fazer o bem, e a evitar reprehensões, que aliás foram mui raras, e sempre adoçadas, da parte do Imperador, por meio de uma affeição verdadeira.»

Mas, para podermos avaliar completamente o merecimento de Eugénio, é indispensavel considerarmos a immensidade de trabalho, de cuidados, de inquietações que o Vice-Rei tomava sobre os seus hombros. Havia que organizar a administração civil, as cousas da guerra, da fazenda, da justica, dos negocios ecclesiasticos, da instrucção publica, etc.; reformando-se tudo segundo os principios organicos do imperio Francez, com sujeição á vontade de ferro de um homem extraordinario, summamente severo, ciioso do seu poder illimitado, e immensamente difficil de contentar, qual era Napoleão! Mas ainda aqui não paravam os embarços! Todas as innovações, todas as reformas, todas as providencias de diversas especies encontravam a opposição de interesses particulares, e resistencias fortissimas, que iam prender com os ciumes de nacionalidade!

Uma deputação do Corpo Legislativo, que tinha á sua frente o presidente da mesma assembléa, veio no dia 13 de junho comprimentar o Vice-Rei. A resposta do principe, em lingua ita-

liana, é uma obra prima de discrição e de fino tacto, ao mesmo tempo que abona a sua modestia, e o zelo de que estava possuido pelo bem da Italia. Eis-a aqui:

== «Chamado, mui moço ainda, pelo heroe que preside aos destinos da França e aos da Italia, a ser perante vós o orgão da sua vontade, não posso hoje offerecer-vos senão esperanças. Tende fé, senhores, nos sentimentos que me animam: essas esperanças hão de realizar-se...

«Desde este momento pertenço inteiramente aos povos, dos quaes me foi commettida a governação. Auxiliado pelo concurso de todas as authoridades, e particularmente pelo zelo e luzes do Corpo Legislativo; dirigido sempre pelo vasto e poderoso genio do nosso Augusto Soberano; — repassado das grandes lições e dos grandes exemplos que d'elle recebi, — sómente terei como alvo, e como necessidade a gloria e a prosperidade do reino da Italia!» ==

Seria necessario compôr um grande numero de volumes, se nos abalancassemos a dar noticia de todas as providencias que o Principe Eugénio tomou como Vice-Rei da Italia, — ou dos seus actos como General em diversas campanhas, — ou ainda dos da sua vida mais intima.

Limitar-nos-hemos, pois, por brevidade, a apontar algumas particularidades, que nos parecerem mais curiosas e instructivas.

No dia 14 de janeiro de 1806 foi celebrado com toda a pompa, na capella real de Munich, o casamento do principe Eugénio com a princeza Augusta, filha do rei da Baviéra.

Dous dias depois adoptou Napoleão o principe illustre, dando-lhe o nome de Eugénio Napoleão de França. O acto de adopção foi proclamado em Milão; e por um decreto do mez de março do mesmo anno deterninou Napoleão que o herdeiro presumptivo do throno da Italia teria neste meio tempo o titulo de *Principe de Veneza*.

O imperador Napoleão reconhecia o elevado merecimento da princeza Augusta, de Baviéra, e lhe consagrava uma affeição quasi paternal. É summamente agradavel o ver como aquelle grande homem, que parecia sómente absorvido pelos cuidados da politica e da guerra, encontrava no seu coração palavras sentidas e ternas, quando escrevia á princeza estimavel que escolhêra para esposa de seu filho adoptivo.

Dias depois do casamento de Eugénio, respondia Napoleão, de Stuttgart, á princeza Augusta nos seguintes e tão mimosos termos:

== «Minha filha! A carta que me escreveste é tão amavel como vós. Os sentimentos que vos dediquei crescem de dia em dia; eu o percebo, pelo prazer com que me recordo de todas as vossas bellas qualidades, e pela necessidade que experimento de que me assegureis frequentemente de que estaes satisfeita com todos, e feliz com o vosso marido. No meio de todas as minhas lidas, nenhuma será mais do meu peito, do que a de firmar a felicidade de meus filhos. Acredita-me, Augusta! amo vos como pae, e lisongeiome de que me haveis de corresponder como filha. Tende todo o cuidado convosco durante a viagem, assim como com o novo clima para onde

ides; tomae todo o repouso necessario, pois que ha um mez experimentaes grande agitacão. — e eu não quero que adoeças. Termine, minha filha, esta carta, dando-vos a minha benção paternal.» =

No dia 5 de fevereiro, e já de Paris, escreve Napoleão a seguinte carta a sua filha querida:

«Minha Filha! Soube com muito prazer que chegaste á Italia, e com bastante saude ainda para passar a Veneza; mas o que sobretudo me alegrou, foi o ver na vossa carta que sois de todo ponto feliz. Interessa-me em extremo a vossa vida; bem o sabeis; e tenho grande satisfação em não me haver enganado, quando acreditei que haveis de ser feliz com Eugénio. Está certa, minha filha, de que, se eu não tivesse aquella convicção, haveria sacrificado o meu interesse politico desde que vos conheci. A vossa carta, minha boa e amavel Augusta, está cheia dos sentimentos delicados que vos são naturaes e proprios. Dei ordem para que vos preparassem uma livrariasinha; aperfeicocae a vossa educação lendo muito os bons livros, afim de virdes a ser inteiramente perfeita. Creio que está com vosso M.^{me} de Wurmb. Espero que a Imperatriz vos mände objectos de modas; e que tereis a condescendencia de me dizer o que posso em mandar-vos, que vos prove o quanto penso em vós, o quanto ambiciono ser-vos agradavel, bem como a Eugénio. Tomae bastante repouso: ha por aqui muitas doencas, e não sei se na Italia succederá o mesmo. Termine esta carta, minha filha, recommendando-vos os meus povos e os meus soldados; esteja sempre a vossa bolsa aberta para as mulheres e filhos d'estes ultimos: nada póde ser tão grato ao meu coração. Recebei, minha filha, a minha benção.» =

Em 25 do mesmo mez de fevereiro escrevia Napoleão a seguinte carta á princeza Augusta:

«Minha filha! Envio-vos o meu retrato, como prova da minha estima e amisade. Recebi a vossa ultima carta. Tenho ouvido com muito prazer o bem que de vós me dizem. Creio que tereis já recebido o vosso acafate; na mesma occasião vos remetti a livrariasinha que vos prometti. Dizei a Eugénio o quanto lhe quero, e o quanto me alegro de saber que sois reciprocamente felizes. Recebei, minha filha, a minha benção.» =

— Tomei nota d'estas cartas, e quiz offerecel-as á consideração dos leitores, por mais de um motivo. O primeiro, como já disse, foi para fazer sentir quo a grande alma de Napoleão I era sensivel, quando encontrava diante de si as bellas qualidades e singular merecimento de uma creatura privilegiada, qual era a princeza Augusta de Baviéra. — Quiz tambem demonstrar o alto apreço que o grande homem fazia da esposa illustre de seu filho adoptivo. — E, finalmente, pretendi tornar sensivel o elevado conceito em que Napoleão I tinha o principe Eugénio.

Emquanto a este ultimo ponto, tenho por indispensavel dizer n'esta occasião mais duas palavras.

O habil annotador das *Memorias*, que vamos seguindo, observa judiciosamente que uma das grandes faculdades de Napoleão I era a de saber distinguir e apreciar os homens, e de aproveitar os conhecimentos e idoneidade especiaes que descobria.

Ora, Napoleão reconheceu, com o olhar pene-

trante que o caracterisava, que o seu ajudante de campo, Eugénio de Beauharnais, tinha uma notavel aptidão, desenvolvida pelo estudo, pelo espirito admiravel de observação de que a natureza o dotára, e por ventura tambem pelas circumstancias graves e momentosas em que se achára.

Este conhecimento previo, digamol-o assim, foi parte para que Napoleão I se deliberasse a confiar ao principe Eugénio o governo da Italia, salvo o cuidado que elle teria sempre de servir de guia ao Vice-Rei, tão moço. Não se enganou Napoleão; e para prova d'isto, bastará notar que em uma occasião mui decisiva e do maior melindre, qual foi a do desembarque dos Anglo-Russos na Italia, e com referéncia ás providencias energicas que o principe Eugénio tomára, disse o grande homem, na presença de Bessiéres, de Laanes, e de Duroc:

Eu sabia bem a quaes mãos confiara a minha espada na Italia!

Não acrescentaremos por agora mais nada a este rapido esboço. Mais tarde voltaremos talvez a este assumpto.

— Encerraremos este artigo, tomando nota de um bello documento, que patenteia a confiança que Napoleão I depositava na sua estrella, e a nobre altivez com que incitava o brio de seu filho adoptivo.

Em data de 3 de janeiro de 1808 encontro nas *Memorias* a seguinte carta de Napoleão ao principe Eugénio:

«Meu filho! Agradeço-vos a carta que me escrevestes por occasião do anno novo. Envio-vos, como presente de anno bom, a espada que eu trazia nos campos de batalha da Italia: espero que vos hade dar felicidade, e que a haveis de empunhar gloriosamente, se as circumstancias vos obrigarem a desembainhal-a para defeza da patria.» =

— No artigo immediato fallaremos do extraordinario e melindroso assumpto do divorcio, que separou dois conjuges illustres pelas exigencias inhumanas da politica ambiciosa e egoistica.

Das *Memorias* que vamos seguindo destacaremos algumas peças de correspondencia, que sobremaneira honram o principe Eugénio e a sua heroica esposa.

Grave assumpto é esse, — e por isso deixare-pela maior parte fallar a correspondencia indicada.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

MARTYR DE AMOR!

(Continuado de pag. 360)

X

Influencia de anjo

Houve mutação de scenario.

O tempo decorrera com a sua inflexivel impassibilidade e o inverno desdobrava o seu humido manto por sobre as penedias limitrophes do mar. Aquellas magestosas scenas de tormenta na *Bocca do inferno* haviam se tornado triviaes sob a influencia, quasi ininterrupta, do vento sudoeste, e o gemer triste e solurno das aguas verde-escuras derramava nos espiritos um cambiante de melancholia, pouco apreciavel para os ditosos que correm só em busca das alegrias da natureza.

Como os plumosos viajantes, que emigram apenas no céu desponta o primeiro indicio da estação menos propicia, assim os banhistas de Cascaes se haviam quasi ao mesmo tempo refugiado na atmosphera mais tepida dos saraus e dos espectaculos de Lisboa, mal o genio das procellas havia batido as suas pluviosas azas ao aproximar de novembro.

Lucia trocava tambem aquelles magestosos panoramas da natureza, pelos mirificos scenarios devidos ao pincel de Rambois e Cinatti, aquellas harmonias do oceano e da brisa pelos jorros de melodia de Rossini e de Verdi. A penedia de lona pintada e o sol electrico de S. Carlos substituiu para o seu espirito futil a magestade dos rochedos titanicos do pharol da Guia e o adormecer do astro-rei no leito infinito das aguas!

Quando entramos na platéa do nosso theatro lyrico está-se cantando o ultimo acto do primor do engenho de Paccini. Borghi-Mamo, a cantora sublime e magestosa actriz, que tão bem comprehendia e desempenhava o papel de Sapho, corria desgrenhada ao alto do Leucáie de papelão a precipitar no pelago insondavel do paleo theatral o seu amor despresado! Lucia, indifferente ás ondas de harmonia em que a desditosa poetisa grega afogava o sentimento, rira com um indizivel riso de escarneo, mal que, levantado o pano de bocca, se ostentara a seus olhos o já bem conhecido scenario d'este acto.

Não passou desaperecebido á outra dama, que a acompanhava no camarote, aquelle franzir de labios, suave e passageiro como o enrugor de superficie de lago, em tarde de primavera, ao contacto de mão de creancinha, cubicosa de colher o peixe de lindas cores, que brinca descuidoso no seu frio elemento.

— Ri-se? perguntou a interlocutora de Lucia.

— Que quer, minha amiga? aquellas lonas pintadas fizeram-me lembrar...

— É inexoravel!

— Pois ha nada que possa matar uma affeição como o ridiculo!?

— Confessa então que houve affeição a matar?

— Valha-me Deus! Não confesso! Mas se a houvesse ficava morta... desde então.

— Imprudencias de Christovam, que contudo brinca!

— É bem faz elle, que este mundo só a brincar e a rir se pôde tolerar.

— Mas para que havia de a minha amiga saber...?

— Isso nada augmentou nem diminuiu aos quilates de consideração, em que eu tinha o valor de Claudio desde a scena do mirante.

— Pôde não ter um grande animo para tão arrojado lance o pobre rapaz, e ter um coração bom e nobre para amar. Demais que ninguém nos diz que elle não levasse ao cabo os seus intentos se nós... eu principalmente o não houvesse estorvado.

— Valha-me Deus! que está sempre a defendel-o! É sabe? Com a tenacidade da sua eloquencia e com a doce insinuação das suas palayras, olhe que quasi cheguei já a sentir despertar no coração um vislumbre de amizade por aquella creanca. Loucura que passa quando a memoria n'ò apresenta ridiculo.

— Bom signal é esse, D. Lucia! O seu espirito ha de acabar por fazer-lhe justiça...

— Não, quando assistir ao terceiro acto da Sapho. Olhe!

As duas amigas demoraram a attenção no paleo. A infeliz amante corria, no extremo delirio e com a derradeira nota, ao precipicio.

— Vê? Aquella ao menos, receiosa de se molestar na queda, tem um manequim por detraz do rochedo para substituil-a! E elle nem isso teve!

O sacrificio theatral consummara-se e o *fac-simile* da cantora caíra do alto do scenario no abysmo da caixa.

Claudio fitava com o seu binoculo de madreperola a visão dos seus sonhos, e mal pensava elle que o quadro, a que acaba de assistir, estava sendo incentivo para os inexoraveis epigrammas d'aquella caprichosa creanca.

O borbórinho, prenuncio de enxame que abandona as colmeias, começava a fazer sentir-se em todos os camarotes, em que as damas já se precaviam com os seus *capuchons* e *sorties-de-bal* contra o frio impiedoso do salão e do vestibulo, onde os janotas formavam as alas de honra para ver desfilar o prestito das beidades!

Que mundo de sentimentos e de commocões n'aquelle quarto de hora que leva a evacuar a magestosa sala de spectaculo! Quantas alegrias, tendo por epilogo o derradeiro olhar, ao cerrar-se a portinhola do *coupé*, que parte a todo trote! Quantos desesperos n'uma surpresa inesperada, de um ultimo sorriso concedido a outro! Quantas esperanças n'um significativo aperto de mão da despedida! Quantos infernos, e quantos paraísos abertos áquellas portas, por onde são em torpel a multidão! Quantos deleitosos sonhos ou quantas noites de insomnia se não talham alli, n'aquelle pequeno ambito, n'aquelle curto espaço, que medeia entre o abrir da porta do camarote e o cerrar as vidraças do caleche!

Quando Lucia atravessou as alas dos seus respeitosos admiradores, pelo braço de Christovam, relanceou os olhos para o pobre Claudio, que não cedera a ninguém o logar da frente; e o joven aspirante pareceu-lhe ler n'aquelle olhar uma palayra de esperanza.

Sel-o-fa acaso?

(Continúa)

C. B.

Modo de desengordar o vinho

Mude-se o vinho do tonel onde estiver para outro, que tenha borra ainda fresca, depois mechase bem com um pão para misturar com a borra, e no fim de oito dias depois de assentar, clarifique-se com claras de ovos.

Modo de limpar a prata

Ponha-se n'um prato 125 grammas de sabão branco raspado com agua quente, quantidade proporcionada; ponha-se n'outro prato borra de vinho em pão, com agua quente, quantidade proporcionada; e n'outro prato cinzas gravelladas, tambem com agua quente. Esfregue-se a peça com a escova molhada primeiro na borra, depois na cinza, e finalmente no sabão; depois lave-se em agua quente, e enxugue-se com panno de linho.